

Adult children breaking contact with parents, 1/4

Filhos adultos a romper laços com os pais, 1/4

Olá a todos,

Há atualmente uma tendência crescente de filhos adultos cortarem contacto com os seus pais. E o problema é mais profundo do que lugares vazios em aniversários e datas especiais; há um plano espiritual mais profundo e mais maligno por detrás deste movimento.

Esta série examina esta tendência, identificando-a, definindo-a, estudando as razões e oferecendo algumas soluções. Iremos também analisar exemplos bíblicos, como o Filho Pródigo e, a divisão entre David e o seu filho Absalão, talvez o maior exemplo na Bíblia.

Nos EUA, 27% dos filhos adultos estão afastados de um ou de ambos os pais (Universidade de Cornell). Desses 27%, 11% estão afastados da mãe e 26% estão afastados do pai. Os 63% restantes (dentro desses 27%) cortaram contacto com ambos os pais.

Se houve abuso genuíno, claro que precisam de se afastar para proteger a sua saúde mental e, por vezes, física. Para os pais que não foram abusivos, é importante que examinem a forma como criaram os seus filhos, identifiquem fatores que contribuíram para a situação e estejam dispostos a admitir aos seus filhos afastados os seus erros e falhas.

Este problema existe em parte devido ao crescimento das redes sociais.

Hoje, a geração mais jovem vê cortar relações com os pais como parte do seu crescimento pessoal e cuidado de si mesmos. E por “cuidado de si mesmos” refiro-me a protegerem-se de qualquer pessoa que os desafie. Cortam relações com quem discorda deles ou os obriga a refletir sobre o que acreditam e porquê. As redes sociais criam um mundo narcisista, levando-os a pensar que a vida gira apenas à volta deles, sem valorizar relações inter-geracionais. Além disso, o sistema educativo (nos EUA) não ensinou as crianças a pensar, raciocinar, debater e considerar diferentes perspetivas. Ensinaram-nas a reagir emocionalmente, não a raciocinar.

Esta geração está a ser ensinada a ver os pais como inimigos e a substituí-los por qualquer pessoa que lhes diga aquilo que querem ouvir. Em contraste, Paulo escreve que honrar os pais vem com uma promessa: “para que te vá bem e vivas muito tempo sobre a terra.” Efésios 6:2-3.

Absalão corta comunicação com o pai, o Rei David

Em II Samuel 15:1-6, Absalão sentava-se à porta da cidade e tomava decisões e julgamentos que normalmente caberiam ao rei. Ele dizia às pessoas aquilo que queriam ouvir, trocando lisonjas que alimentavam o ego, e no versículo 6 diz-se: “Assim Absalão roubou o coração dos homens de Israel.”

Um filho adulto que corta contacto com os pais, como Absalão fez, reúne à sua volta pessoas que pensam como ele. Reúne pessoas que concordam facilmente com a culpabilização dos pais. No versículo 4, Absalão dizia: “Quem me dera ser juiz na terra... então haveria justiça.”

As suas ações minaram a autoridade do pai, desonrando-o, e David observava tudo, sem dúvida orando por ele — algo que percebemos pela forma como David chorou e lamentou quando Absalão morreu.

Filhos adultos que cortam contacto com os pais rodeiam-se de pessoas que apelam ao seu ego, dizendo-lhes que têm razão, que as suas ações são justificadas. Tal como Absalão, minam tudo aquilo que os pais lhes ensinaram.

De repente, percebem que estão sozinhos, mesmo rodeados de pessoas com ideias semelhantes. Sozinhos apesar de estarem cercados de pessoas que afirmam amá-los — e algumas certamente

amam —, mas frequentemente surge alguém mal-intencionado que usa estas vulnerabilidades para manipular e controlar, ao mesmo tempo que afirma amar e querer o melhor para eles.

Lembrem-se: assim como Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança, também aqueles usados pelo diabo tentarão moldar outros à sua própria imagem e semelhança. É assim que a manipulação funciona — tornar os outros semelhantes ao manipulador, dando-lhe controlo total.

Vivemos num mundo em que, se um pai diz que não, ou estabelece limites firmes e expectativas, isso é rotulado de abuso ou trauma. Se um pai não valida e concorda com todos os pensamentos e sentimentos do filho, passa a ser visto como abusivo, controlador, tóxico ou perigoso. As redes sociais dizem-lhes isto, e muitos influenciadores ecoam essas ideias, reforçando as suas emoções frágeis enquanto endurecem ainda mais os seus corações.

Discussões, acontecimentos e regras da infância levam os filhos adultos a reescrever a sua história

Esta reescrita consiste em distorcer acontecimentos fora do seu contexto. Exemplo: Quando o meu pai se sentou connosco, os quatro filhos, para nos dizer que ele e a nossa mãe se iam divorciar, disse: “Vou divorciar-me da tua mãe e vou divorciar-me de vocês. Não vou estar nos jogos, aniversários, feriados... Vou sair de casa... Não vou estar aqui...”

Na altura, e durante anos, eu só conseguia ver a dor causada por aquelas palavras a nós os quatro, eu com 11 anos, e os meus irmãos com 9, 7 e 5 anos. Quando cresci, percebi que ele não estava a tentar ser cruel; estava a tentar explicar o que significava o divórcio para crianças que não faziam ideia do que era. Mas naquela altura, aquelas palavras foram recebidas como rejeição e dor.

Quando os filhos adultos são ensinados a ver conflitos familiares como abuso, reinterpretam memórias através da crença de que sofreram abuso. Cortar comunicação raramente é sobre pais maus e filhos bons. Na verdade, trata-se da forma como a dor molda a visão da vida.

Estes filhos adultos filtram a relação com os pais através das suas próprias mágoas, e os pais muitas vezes filtram os seus conselhos através das mágoas deles. Não há pais perfeitos, nem filhos perfeitos. É aí que entram a graça de Deus, a sabedoria, o carácter e o Espírito de Deus na dinâmica familiar — se Lhe for permitido. É aqui que os pais devem ser transparentes e vulneráveis com os filhos, quando lhes for dada essa oportunidade.

Para os pais que passaram ou estão a passar por isto:

O vosso filho vos culpa por dores que nunca tiveram intenção de causar. Ser “cancelado” pelo vosso filho distorce o amor que deram, transformando-o em algo mais sombrio, mal compreendido e fora de contexto. Eles não veem as vezes em que estiveram presentes. Não veem os sacrifícios. Veem a história filtrada pela dor que eles criaram e repetiram tantas vezes que agora lhes parece real.

O pior é que, quando acreditam nessa história, qualquer comunicação normal e inofensiva dos pais passa a ser filtrada por essa memória distorcida. Isso significa que todas as recordações se tornam algo irreal ou reescritas na mente e emoções deles.

Assim, um momento que para os pais foi banal torna-se, através dessa dor, prova de que a versão distorcida é verdadeira. Reforça a perceção errada. Quando vos confrontam, acabam a lutar contra uma versão de vocês que nunca existiu, que só existe na mente deles. A imagem que têm de vocês tornou-se uma fortaleza — e só eles podem derrubá-la.

Podemos perguntar aos nossos filhos adultos: Que vantagem tirámos nós disto, senão amar-vos?

Qual foi o nosso ganho ao trazer-vos ao mundo? Tudo o que os pais fazem é sem garantia de recompensa ou gratidão. Tudo o que se derrama numa criança — amor, paciência, tempo, energia, preocupação, sacrifícios — é feito sem qualquer promessa de retorno. Os pais fazem-no sabendo que a criança crescerá e terá uma vida independente. Sabiam desde o início que chegaria o momento de recuar e deixá-la viver por si, sem precisar mais dos pais.

E a maior parte disso a criança nem se lembra. Não faz ideia das noites sem dormir, do stress, do medo, das escolhas feitas pelos pais em favor do conforto e segurança da criança em vez do seu próprio conforto. Nada foi feito esperando algo em troca.

Um pai pode dizer ao filho adulto: Pergunta-se a ti próprio esta difícil pergunta. Porque fizemos tudo isso? Fizemos porque és nosso filho. Por isso, antes de nos culparemos por imperfeições reais ou imaginadas, e antes de te convenceres de que te devíamos perfeição, pergunta-te: o que é que ganhámos nós? Amámos-te, estivemos sempre presentes e continuamos a amar-te. Que outra razão houve, além do amor?

Voltaremos ao tema na próxima semana. Não desistas desse filho! Nem desse pai!
Até para a semana, bênçãos,

John Fenn
cwowi.org — email: cwowi@aol.com

Adult children breaking contact with parents, 2/4

Filhos adultos a cortar contacto com os pais, 2/4

Olá a todos,

Terminei a parte 1 com uma palavra dirigida aos filhos adultos, perguntando: *o que é que nós, enquanto pais, ganhámos com tudo isso?*

Nem os filhos nem os pais devem perfeição uns aos outros.

Mas a ideia de que os pais não devem perfeição aos filhos vai contra tudo o que as redes sociais proclamam, incentivando a cortar relações com os pais. Os pais não devem perfeição aos filhos; na verdade, é precisamente essa imperfeição que permite que a graça de Deus seja entrelaçada na dinâmica familiar. Não há pais perfeitos. Não há filhos perfeitos.

A dor que um pai sente quando um filho adulto o “cancela” (corta contacto) vem, em parte, do amor que esse pai tem pelo filho e do desejo contínuo de o proteger do mal no mundo. Mas é mais do que isso. Uma mãe de quatro raparigas disse-me que, quando elas discutiam, era difícil decidir quem tinha razão, porque cada uma tinha uma parte dela — e ela conseguia ver o ponto de vista de cada uma.

Não são apenas as cadeiras vazias à mesa; uma parte de si partiu com eles quando eles partiram. Uma parte de si foi com eles quando cortaram contacto. É por isso que sente que lhe falta um pedaço — falta mesmo. E é também por isso que *e/les* se sentem sozinhos, mascarando essa dor através do corte de contacto, porque também sentem que uma parte deles continua consigo, pai e mãe.

Eles podem ter mágoas justificáveis por causa de ações dos pais. Mas muitas vezes receiam aproximar-se porque imaginam que vão acabar em discussões, gritos e tudo irá correr mal. Nestes casos, os pais têm de ser os pais: os mais maduros, os mais generosos, os mais capazes de restaurar. Devem querer trazer essa parte perdida de volta para a família. Sente-se, mantenha as emoções sob controlo, reconheça erros, reconheça as mágoas causadas, seja transparente e honesto, e conversem...

Cortar contacto com os pais tem consequências no resto da vida.

Os 10 Mandamentos dividem-se em duas partes: amar a Deus e amar o próximo. Os primeiros quatro referem-se a amar a Deus, e os últimos seis são liderados por: **“Honra o teu pai e a tua mãe.”**

Os cinco seguintes derivam diretamente deste princípio central: Não matarás (desonra os teus pais); Não cometerás adultério (desonra os teus pais); Não roubarás; Não darás falso testemunho; Não cobiçarás aquilo que não é teu. Todos estes têm como base central a honra à mãe e ao pai — a honra à família.

As 613 leis de Moisés resumem-se nos 10 Mandamentos, que se resumem em dois princípios: amar a Deus e amar os outros. Quando a mãe e o pai são desonrados, abre-se uma porta espiritual para que o filho venha a sofrer nas áreas mencionadas — mais sobre isto na próxima parte. Mas saiba que, quando essa porta se abre, é provável que ele venha a ser traído, enganado, roubado, e mais... muito mais.

Honrar não significa obedecer.

Honrar aqueles que o trouxeram ao mundo é o fundamento deste mandamento. Não fala de obediência, especialmente para filhos adultos. Fala do facto de Deus ter usado os pais para o conceber e ter dado vida nesse momento.

Ao escolher honrá-los, honra também Deus, que honrou a sua conceção dando-lhe vida. Isso não significa sentir carinho imediato por eles. Podem neste momento não ter nada em comum. Pode até detestar o estilo de vida deles. Honrar significa reconhecer que, sem eles, não estaria aqui — e conceder-lhes pelo menos isso: deram-lhe a vida.

Um filho adulto deixa muitas vezes, já na adolescência, de procurar os pais para pedir conselho. Procura outros. Procura redes sociais. Procura pessoas que pensem como ele, que justifiquem o afastamento dos pais.

Quando Salomão morreu, o seu filho Roboão tornou-se rei (1 Reis 12:6-11). Ele consultou primeiro os homens mais velhos que tinham aconselhado o seu pai, mas depois virou-se para “os que tinham crescido com ele”. Estes deram-lhe um mau conselho, egoísta, alimentando o seu orgulho e desejo de poder.

É isso que acontece hoje nas redes sociais: jovens adultos rejeitam a sabedoria dos pais para seguir conselhos de “quem cresceu com eles”, que alimentam o ego e dizem aquilo que querem ouvir, não aquilo que é sensato. Perderam, ou nunca tiveram, a capacidade de filtrar a má herança para reter o que foi bom na sua infância.

É mais fácil transformar os pais nos vilões e culpá-los por todas as dores interiores.

Quantos filhos adultos já viram os pais morrer antes de ocorrer reconciliação? Tudo porque ninguém se dispôs a conversar sobre uma mágoa vinda de discussões antigas. A certa altura, esse filho precisa de perceber que até é *bom* ter pais com quem discutir. Precisam dessa perspetiva. Precisam desse ponto de vista. Precisam dessa voz experiente. Deus usa os pais — no bom e no mau — para formar adultos bem-sucedidos.

Uma convenção de gémeos

Há alguns anos realizou-se uma convenção de gémeos que incluiu um inquérito. Entre os participantes havia dois irmãos. Um era advogado, casado, estável. O outro tinha passado por vários divórcios, lutou contra o alcoolismo e tinha dificuldade em manter um emprego. Uma das perguntas era: “Que acontecimento mais marcou a sua vida?”

Ambos escreveram a mesma resposta: “O meu pai morreu quando eu tinha 12 anos.”

Um usou esse acontecimento para se fortalecer; o outro permitiu que o destruísse.

A “cultura do cancelamento” diz aos filhos adultos que as feridas e traumas da infância os destruíram. Se acreditarem nisso, nunca saberão como o Senhor poderia ter transformado essas feridas em degraus preciosos para um carácter mais forte em Cristo — e para felicidade e bênção na vida. Muitas vezes é difícil dizer ao pai ou à mãe: “Tinham razão.” E nesses casos, estão zangados consigo próprios pelas escolhas que fizeram, mas projetam essa raiva nos pais para não terem de enfrentar decisões difíceis.

Estamos a aproximar-nos do ponto de viragem em direção à cura — e avançaremos nesse caminho na próxima semana. Até lá, Bênçãos,

John Fenn
cwowi.org — email: cwowi@aol.com

Adult children breaking contact with parents, 3/4, 1/10/26

Filhos adultos a cortar contacto com os pais, 3/4 — 10Jan26

Olá a todos,
Continuamos com a parte 3, caminhando rumo à reconciliação.

Quanto mais afastados estão de Deus, mais zangados se tornam.

Se forem crentes, muitas vezes enganam-se a si próprios pensando que é Deus quem os conduz a cortar contacto. Mas quando a fé equilibrada e pura se perde, tudo começa a parecer um ataque.

Ficam confusos, porque se aquilo que estão a fazer fosse o caminho de Deus para a cura, porque não têm paz? Porque estão tão infelizes? Tropeçam pela vida, lutam em cada etapa, movidos pela raiva dirigida à mãe e ao pai.

A raiva não é força, nem significa que estão a assumir o controlo da própria vida. Pelo contrário, é prova de que a paz — e Deus — estão longe deles. Podem sorrir por fora e estarem miseráveis por dentro. Não estão tão próximos de Deus como deveriam, pois quanto mais próximo alguém está do Pai, menos precisa de vencer discussões — e isto aplica-se também aos pais.

Eu defino estas qualidades assim:

Justiça é receber o que se merece. Misericórdia é não receber o que se merece. Graça é receber o que não se merece. Em qualquer reconciliação, as três irão manifestar-se em algum momento. É necessária uma compreensão de que toda a mágoa e dor resultaram das ações de ambos. Misericórdia, ao evitar descargas de palavras venenosas que prejudicam o processo de cura. Graça, estendida porque existe amor, porque ambos escolhem olhar para além do passado e honrar o lugar que cada um ocupa na vida do outro.

Qualquer pessoa que ames vai deixar-te desconfortável às vezes. Se não podes sentar-te com ela nesse desconforto, não podes amá-la verdadeiramente. O amor não é amor até ser posto à prova. Senta-te e prova o vosso amor um pelo outro. Se não consegues lidar com o desacordo, não podes crescer como pessoa nem na fé.

Se cortares contacto com todos os que te desafiam, tornas-te uma ilha — exatamente o que o diabo quer. Ao afastar-te de quem te desafia, não te estás a proteger; estás a escolher viver num mundo de raiva, agitação e relações partidas — o que acabará por atingir também a vida dos teus próprios filhos.

O diabo tenta muitas formas de destruir a família.

Satanás odeia famílias. Quando um filho adulto cristão corta contacto com os pais “em nome de Deus”, a sua fé tornou-se veneno. “Tóxico” é o termo usado hoje para pessoas ou estruturas religiosas que nos envenenam.

A fé deles está frequentemente integrada num sistema religioso que controla a vida da pessoa, em vez de ser o Senhor a guiá-la. Líderes desse sistema — pastores, esposas de pastores, presbíteros — manipulam-nos para uma obediência cega. Muitas vezes apoiam o filho adulto porque só ouvem um lado da história, mas ficam do lado dele para o manter no “rebanho”, para manter o seu dinheiro, os seus talentos e os seus recursos dentro das quatro paredes da igreja.

A fé tóxica inventa um “deus” que honra o próprio ego.

Uma fé mal direcionada é falsa e frequentemente baseada no medo — e por isso torna-se viciante. Não podem faltar a um culto, porque “o diabo pode encontrar uma brecha”. Se não assistirem ao próximo culto, podem “perder o seu milagre”. A fé fica unicamente focada na voz do pastor (ou do seu cônjuge), excluindo a razão, o bom senso, as emoções saudáveis e os pensamentos equilibrados. A reconciliação com os pais pode implicar abandonar essa igreja tóxica, ou talvez um casamento tóxico ou outras relações. Quando percebem isto, sentem-se presos e não sabem o que fazer. Precisam de ir ter com a mãe e o pai.

O resultado são pessoas frágeis.

Quer sejam cristãos numa igreja tóxica e controladora, quer não sejam cristãos, ao rodearem-se de pessoas que concordam com o corte de contacto com os pais, tornam-se emocionalmente frágeis. Nesta fragilidade, perdem a capacidade de lidar com questões reais. Às vezes demasiado frágeis até para admitir que a mãe e o pai tinham razão.

E nessa fragilidade tornam-se fáceis de manipular.

Tornam-se facilmente influenciados por pessoas que não os amam de forma pura nem têm o seu bem-estar em vista. Precisam de compreender que as famílias discutem. Adolescentes testam limites, rebelam-se, empurram fronteiras. Gritam. Sofrem consequências pelas suas escolhas. Famílias com crianças pequenas têm regras, disciplina e limites. A vida familiar é por vezes caótica — e é nesse caos que Deus forja carácter, força interior, e ensina uma criança a estabelecer limites saudáveis.

A dinâmica familiar ensina a criança a defender aquilo em que acredita. A apresentar o seu ponto de vista aos pais. A decidir, ainda em casa, o que acredita e porquê. Cortar contacto com os pais remove precisamente as pessoas capazes de fazer as perguntas difíceis, de desafiar esse jovem adulto. O Jovem pensa que esta a estabelecer a sua própria identidade, quando na verdade se torna frágil e facilmente influenciável por pessoas que nunca o amarão tão profundamente como os seus pais.

A certa altura...

O filho adulto percebe que os pais são seres humanos imperfeitos, tal como ele. Talvez tenham sido demasiado rígidos, demasiado religiosos, demasiado exigentes, sem o ajudar a encontrar o Senhor por si próprio. Mais de um pai bem-intencionado usou a Bíblia como castigo: “Vai para o teu quarto ler a Bíblia”, o que apenas faz a criança associar Deus a punição. Mas quando essa criança cresce, percebe que a mãe e o pai apenas tentavam impedir escolhas terríveis e as consequências que viriam com elas.

E o pai e a mãe reconhecem que também foram falhos. Reconhecem que há um grão de verdade em algumas das acusações do filho.

...e a reconciliação entra numa fase de negociação.

Numa negociação, nenhum lado consegue 100% do que quer — mas ambos podem viver com o resultado. Quando o Filho Pródigo partiu, não era isso que o pai desejava, mas permitiu que o filho tivesse liberdade para pegar no dinheiro e ir embora. Quando regressou, o pai estendeu-lhe graça — uma graça que o outro filho não aceitou bem.

Em João 21:15-19, Jesus pergunta duas vezes a Pedro se Ele O amava. Jesus usa a palavra *agapē*, amor incondicional. Nas duas vezes Pedro responde negativamente, usando *phileō*, o amor entre melhores amigos. Na terceira vez, Jesus desce ao nível de Pedro, perguntando se Ele O amava com *phileō*. Pedro, perturbado pela insistência, exclama pela terceira vez: “Eu amo-Te como o meu melhor amigo!” Então Jesus profetiza que chegaria o dia em que Pedro O amaria com *agapē*, sendo até conduzido à morte por causa disso.

Mais passos para a reconciliação na próxima semana. Até lá,

Bênçãos,

John Fenn

cwowi.org — email: cwowi@aol.com

Adult children breaking contact with parents, 4/4

Filhos adultos a cortar contacto com os pais, 4/4

Olá a todos,
Hoje concluímos esta série tão importante.

Encontrar “a minha verdade”, “proteger a minha paz”

Os filhos adultos que dizem isto aos pais estão enganados ao pensar que se estão a proteger, quando na realidade estão apenas a empurrar a sua dor para mais fundo. As suas mentes tornam-se mais fracas à medida que fogem daqueles que os desafiam. A verdadeira paz vem de aprender a lidar com as dificuldades da vida. A força vem com maturidade e maturidade emocional.

Um jovem emocionalmente saudável vai perceber que...

... os pais não estavam a tentar controlá-los, mas a protegê-los. Os pais falam a partir da experiência — já foram feridos no mundo, já cometeram erros e não são perfeitos. A dada altura, um filho adulto percebe que a questão nunca foi controlo, mas proteção. Em vez de se afastarem da mãe e do pai, vão valorizá-los mais, tirando proveito das suas experiências, boas e más.

O que vai, sempre volta

As ações que tomas para com os teus pais agora serão as mesmas que os teus filhos tomarão para contigo. Eles ouvirão o que dizes, mas observarão o que fazes — e isso é formação. Crescerão a ser como tu. Vais ensiná-los a evitar familiares que os amam, a evitar conflitos, a procurar ofensa. Um dia experimentarás a mesma alienação da parte deles que agora estás a impor aos teus pais. Cada aniversário perdido, cada feriado ignorado agora... será repetido contigo. É isso que queres?

Disse que voltaria a este ponto

Em larga escala, quando a mãe e o pai são desonrados desta forma, a ofensa e a recusa de lidar com questões reais espalham-se insidiosamente por toda a vida. Quando antes mencionei que os últimos 5 mandamentos estão diretamente ligados a honrar pai e mãe, é disto que falava. A tua vida será roubada — emoções, tempo, a fé simples da infância. Aqueles que amas serão infiéis e trair-te-ão. Terás inveja do que outros têm ao veres casamentos felizes, filhos felizes, vidas bem-sucedidas. Tornar-te-ás vítima desses últimos 5 mandamentos, pois o comando para evitar esses pecados está diretamente ligado ao ato de honrar os pais.

O meu conselho é parar o ciclo que estás a criar

Sai desse carrossel antes que seja tarde demais. Senta-te com os teus pais para ouvir o lado deles. Deixa-os contar a sua história de vida, antes de conhecerem o Senhor, os erros antes e depois. Ouve os fardos que carregaram por ti e que nunca viste. Ouve a sua dor. Ouve como cresceram na vida e no Senhor. Pais, sejam vulneráveis. Filhos, percebam que eles também erram, como vocês — mas são os únicos que vos amam como só um pai e uma mãe conseguem amar. Não existe mais ninguém no planeta que vos ame desta forma.

Tens de chegar à idade em que paras de culpar os teus pais por tudo. Tens de parar de repetir a mesma história vezes sem conta para justificar todas as tuas escolhas. Culpar os teus pais pela tua vida inteira é assumir zero responsabilidade pelo teu próprio crescimento. Cura não é cortar da tua vida aqueles que te amam. Não estás a sarar quando infliges dor aos teus pais ao não apareceres em aniversários e feriados.

Reação ou resposta?

A cultura popular, incluindo as redes sociais, treina as pessoas para reagir, quando na verdade o que é necessário é responder. Uma reação é instintiva, emocional e feita sem pensar. Uma resposta é ponderada, feita depois de refletir e com um propósito.

Uma resposta é equilibrada. Por exemplo, se alguém reage com uma raiva muito maior que a ofensa sofrida, é porque algo mais profundo está a acontecer. Para um filho cortar completamente toda a comunicação com os pais — isso é uma reação.

Agora é hora de vestir as “calças de adulto” e responder. Não reagir: responder. Ambos — pais e filhos — nesta situação são adultos. Comportem-se como tal. Filhos, isto não é redes sociais, onde podes rebentar de raiva como uma criança em birra. Agora é hora de sentar frente a frente com a mãe e o pai e responder. Será uma negociação e não dirás tudo aquilo que imaginaste dizer (o mesmo vale para os pais). Mas poderão dizer o suficiente para haver paz no compromisso.

Aprende a controlar as tuas reações, porque são os teus pais: e vão irritar-te, vão dar conselhos que não queres, vão desafiar-te. Culpar os teus pais pelas circunstâncias da tua vida é evitar encarar as tuas próprias escolhas. Tens de parar de consumir conteúdos nas redes sociais que incentivam a rutura da relação e afastar-te de pessoas que alimentam as tuas dores.

Devolve aos pais a sua autoridade

Recua um pouco e permite que um pai ou mãe intervenha — eles oferecem opções, experiência, perspetiva. Permite-lhes entrar antes de uma crise. Permite-lhes opinar, mesmo que diferente da tua — não te sintas ameaçado, sente-te fortalecido. É uma questão de perspetiva.

O filho pródigo

A história encontra-se em Lucas 15:11-32. Muito se escreveu sobre ele e o irmão. O filho recebeu antecipadamente a herança e gastou tudo em vida extravagante. Acabou a cuidar de porcos, trabalhando para um gentio — algo inconcebível para um judeu justo naquela época.

Enquanto cuidava dos porcos, percebendo que eles comiam melhor do que ele, Jesus disse que “caiu em si”. Esse momento é o que todo o pai deseja para um filho adulto que cortou contacto.

As orações de Paulo em Efésios 1:17-19 e 3:15-20

Estas são orações em que Paulo pede ao Pai que trabalhe no interior das pessoas. Ele pede em 1:17-19 Que o Pai lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele a fim de que conheçais a esperança para a qual ele os chamou.

Em Efésios 3:15-20, Paulo ora para que o Pai os fortaleça com poder, por meio do seu Espírito, no íntimo do vosso ser... e que, arraigados e alicerçados em amor, possais conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento...” Em Gálatas 4:19 ele compara interceder por alguém a estar em trabalho de parto: “Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por vossa causa, até que Cristo seja formado em vós.”

Pais — não desistam, orem como Paulo orava — não pedindo que o outro faça isto ou aquilo, mas para que sejam transformados de dentro para fora pelo Espírito do Pai.

Filhos adultos — façam o mesmo pelos vossos pais. Ambos erraram.

Ambas as partes terão de perdoar e perceber que a paz entre pais e filhos é mais importante do que rever cada detalhe que levou ao corte de contacto. Jesus disse que o perdão é uma decisão, não uma emoção: “E quando estiverdes a orar, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai—lhe” Marcos 11:25-26

Tomem a decisão de deitar fora todas as justificações — mãe, pai, filho — e decidir perdoar e avançar. Depois, deem passos práticos na direção dessa decisão. Sejam a pessoa maior. Tomem a iniciativa — e ao outro, aceite essa iniciativa.

As emoções podem levar anos a sarar depois da decisão de perdoar

Haverá momentos em que uma memória dolorosa regressará com força. O caminho é: depois de perceber essa emoção, leva-la de novo à tua decisão de perdoar. Verás que, depois de reviver a raiva e a trazeres de volta à decisão, Deus te curará. A memória permanecerá — mas a dor desaparecerá. É assim que sabes que Ele te curou.

Haveria muito mais a dizer, mas isto é suficiente. Novo tema na próxima semana.
Até lá, bênçãos,

John Fenn
cwowi.org | cwowi@aol.com